

ROBERT CHESTER SMITH E AS OBRAS DOS PINTORES VIAJANTES FRANS POST E FRANCISCO REQUENA

*ROBERT CHESTER SMITH AND THE WORKS OF TRAVELING
PAINTERS FRANS POST AND FRANCISCO REQUENA*

Sabrina Fernandes Melo/UFPB

RESUMO

Robert Smith foi um historiador da arte norte-americano com pesquisas realizadas nos Estados Unidos, Portugal e Brasil, país que visitou nos anos de 1937, 1946, 1953, 1960 e 1969. Interessou-se por diversas temáticas como crítica de arte, ourivesaria, ex votos, azulejaria, mobiliário, pintura, dentre outros. O objetivo do artigo é discutir as imagens produzidas pelos pintores viajantes Frans Post e Francisco Requena durante os séculos XVII e XVIII respectivamente, inspiradas no cotidiano e nas paisagens do nordeste e norte do Brasil a partir das pesquisas realizadas por Robert Chester Smith¹.

PALAVRAS-CHAVE

Robert Chester Smith; Pintores viajantes; Frans Post; Francisco Requena.

ABSTRACT

Robert Smith was an American art historian with research conducted in the United States, Portugal and Brazil. He was in Brazil in the years 1937, 1946, 1953, 1960 and 1969, traveling through different regions and searching in numerous archives. He was interested in various themes such as jewelery, ex-votes, tiles, furniture, painting, among others. The aim of the article is to discuss the images produced by the traveling painters Frans Post and Francisco Requena during the 17th and 18th centuries respectively, inspired by daily life and landscapes of the northeast and north of Brazil from the reading and research undertaken by Robert Chester Smith.

KEYWORDS

Robert Chester Smith; Traveling Painters; Frans Post; Francisco Requena.

Robert Smith foi um historiador de arte, norte-americano, formado em Harvard, com diversas viagens de estudos apoiadas por instituições estadunidense, portuguesas e brasileiras. Smith transitou por estes países, realizou contatos institucionais e acadêmicos direcionados para os estudos sobre o período colonial brasileiro. Interessou-se em outras temáticas, desvinculadas dos grandes temas até então já consagrados pela História da Arte, como mobiliário, azulejo, arte votiva talha portuguesa, urbanismo e ourivesaria. Smith visitou o Brasil em 1937, 1946, 1953, 1960 e 1969. Especialmente durante as duas maiores viagens que fez, a de 1937 e a de 1946, percorreu diversas regiões do país, naquele ambiente em que intelectuais brasileiros se dedicavam à inventariar, catalogar e musealizar a herança colonial, sob os auspícios do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN e de outros órgãos oficiais de cultura.

A produção bibliográfica construída a partir da viagem de 1937 definiu, em linhas gerais, qual seria o tom das pesquisas de Chester Smith, respaldadas em amplo levantamento bibliográfico, pesquisas em arquivos, coleções e mediante a utilização de imagens e formação de acervo fotográfico. O mote dos artigos produzidos em 1937² alicerçou seu trabalho com as fontes iconográficas e cartográficas, em consonância com aspectos da cultura material. Nessa primeira frente de produção, analisou documentos encontrados em arquivos de irmandade, livros de tombo e pinturas de viajantes holandeses, como Frans Post, por exemplo, além de imagens, plantas arquitetônicas e desenhos encontrados em arquivos portugueses.

Nos artigos produzidos a partir da viagem de 1946³, a atenção de Smith voltou-se para a atuação dos engenheiros militares nas construções do período colonial. Foi constante a utilização de panoramas/vistas e pinturas das cidades, mapas e documentos referentes à conformação urbana das cidades brasileiras e do contante diálogo e comparação com as cidades portuguesas. Percebe-se um estudo mais detalhado do mobiliário e um direcionamento para a cultura material e novamente o interesse pela produção imagética de artistas viajantes, desta vez pela obra do engenheiro espanhol Francisco Requena.

Ao analisar as iconografias produzidas por Frans Post e Francisco Requena é possível estabelecer um diálogo com questões relacionadas aos campos teóricos e metodológicos que guiaram as pesquisas de Robert Smith para o campo das visualidades, em consonância com a formação de linhas de pesquisa e interesses políticos e culturais relacionados à História da Arte do Brasil e à América Latina. Smith encontrou nessas produções uma chave para perceber aspectos silenciados ou pouco perceptíveis nas fontes escritas. Dimensão que abre espaço para discussão sobre as produções de sentido na História da Arte escrita por Smith a partir das imagens e da visualidade.

O mundo português nas pinturas do holandês Frans Post

Após a viagem ao Brasil em 1937, Smith retornou a Portugal em 1940 e no Arquivo Histórico Colonial Português, atual Arquivo Ultramarino de Lisboa encontrou inúmeras coleções de imagens relacionadas ao Brasil. Naquele ano, realizou uma série de publicações na *Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional* - SPHAN⁴, dentre eles *Alguns Desenhos de Arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português* (SMITH,1940), no qual apresenta uma extensa pesquisa documental direcionada para o potencial interpretativo das fontes visuais, como gravuras, pinturas, desenhos, mapas e fotografias e buscou associar História e Arte, imagem e escrita, visualidades e narrativas.

No artigo *O códice de Frei Cristóvão de Lisboa* (1941), Smith apresentou uma série de documentos inéditos encontrados no Arquivo Ultramarino, dentre eles um manuscrito sobre História Natural, o *Códice de Lisboa*, assinado por um padre franciscano português no século XVIII. O manuscrito era composto ilustrações de animais, plantas e peixes da região do Maranhão, o que torna esse documento uma interessante contraposição aos quadros produzidos por Frans Post e outros pintores holandeses como Waeger, Zacharias e Eckhout, sobre a região durante o mesmo período. Tais fontes o auxiliaram na construção de novas análises perante à documentação dos colonizadores em relação à fauna e flora brasileiras, ao mostrar, na contramão da historiografia do período, que os portugueses também se interessaram em documentar e conhecer as colônias.

O interesse de Smith pelo urbanismo em diálogo com a História da Arte aconteceu a partir do contato com as pinturas de viajantes do século XVII, como Frans Post. O pintor holandês chegou ao Brasil em 1637, permaneceu por oito anos como membro da comitiva de artistas e cientistas trazida pelo Conde Maurício de Nassau para documentar o novo mundo. Post tinha então 25 anos de idade e era o pintor oficial responsável por retratar os feitos militares e a arquitetura do Brasil holandês.

Manuel Bandeira (1942) escreveu sobre a exposição de pinturas de Frans Post realizada em 1942 pelo SPHAN no Museu Nacional e comentou sobre a documentação levantada pelo pintor sobre o Nordeste do Brasil. Bandeira lamentou a penumbra na qual se encontrava a sala que abrigava os quadros, um problema, que, segundo ele, era constante nas exposições realizadas no Museu Nacional. O catálogo da exposição, pensada com base em um modelo bibliográfico, foi idealizado por Rodrigo Melo Franco de Andrade, com prefácio de Ribeiro Couto. Ainda na crônica, Bandeira mencionou os estudos de Robert Smith sobre o Frans Post, considerado por Bandeira - e também por Smith - o "Canaletto do Brasil" (BANDEIRA, 1942, p. 5), um conhecido pintor de paisagens urbanas de Veneza.

Os estudos de Smith sobre Frans Post marcaram o início das análises do historiador para aspectos da iconografia associada aos estudos das cidades. Ao mesmo tempo, houve uma tentativa de associar a arte à contextos espaciais e cronológicos, elementos indispensáveis nas análises de Smith para o entendimento da produção artística. Os quadros/pinturas eram percebidos como “testemunhos” e, a partir deles, seria possível vislumbrar como era Pernambuco nos tempos dos Holandeses, além de serem “preciosos registros da colonização dos séculos XVI e XVII na América do Sul” (SMITH, 2012, p. 17). Smith escreveu dois artigos sobre o pintor holandês, sendo eles: *As Paisagens Brasileiras de Frans Post* (1938) e *Três Paisagens Brasileiras de Frans Post* (1939). Nesses artigos, além de tratar de questões estéticas, técnicas e artísticas, as obras foram utilizadas como documentos que o auxiliaram no entendimento da história econômica, social e urbana do Brasil colonial.

Em *As Paisagens Brasileiras de Frans Post*, publicado em 1938 na revista *The Art Quarterly*, Smith utilizou dezenove obras do pintor e buscou articular referências dos processos históricos e do contexto à leitura das obras. O artigo se inicia com uma discussão do contexto histórico da cidade de Pernambuco, que recebeu a comitiva do Conde Maurício de Nassau, carregada dos ingredientes culturais para se construir uma cidade barroca do século XVII:

Um grupo de homens ilustres, engenheiros, arquitetos, exploradores, cientistas, poetas e pintores. Dentre esses últimos, Frans Post, irmão do arquiteto do Conde Pieter Post, estava destinado a se tornar o Canaletto do Brasil (SMITH, 2012, p. 11).

Após análise contextual, Smith traçou uma breve biografia de Post e o considerou como um dos primeiros artistas a retratar paisagens americanas realistas, já que, antes de sua chegada ao Brasil, a paisagem era geralmente representada por cartógrafos ou por pintores europeus que “ocasionalmente concebiam paisagens americanas puramente fantásticas, sem qualquer pretensão de realismo” (SMITH, 2012, p. 17). As pinturas de Post dividiram opiniões de críticos, alguns argumentaram a favor da qualidade de suas obras, outros chegaram à conclusão de que ele teria um trabalho simplório se comparado aos padrões da pintura holandesa de paisagem. Alexander Van Humboldt (19-- apud LAGO, 2006, p. 9-10) defendeu que Post tem “o mérito da invenção em termos da pintura de paisagem e estudo da natureza”. Já Bia C. do Lago e Pedro C. do Lago (2006, p. 9), coadunando com a mesma opinião de Robert Smith, afirmam que

Post é o primeiro pintor da paisagem brasileira, como também o primeiro paisagista das Américas. Tem, para a arte brasileira, uma posição de importância fundamental, e permanece hoje como o exemplo mais

acabado do “olho distante” exercido pelo artista estrangeiro que descobre nossa paisagem. (LAGO, 2006, p. 9).

Smith concluiu, com base em datações aproximadas, que dentre as mais de sessenta paisagens atribuídas a Frans Post, cerca de dez foram pintadas no Brasil e o restante quando ele já se encontrava na Holanda. Em *O Rio São Francisco*, uma das obras mais antigas do pintor, Smith destacou a presença da fortaleza construída por Maurício de Nassau em 1637⁵. Smith percebeu características aproximava Frans Post da pintura moderna, como as pinceladas livres e a não utilização de modelagem de superfície para criar efeito de solidez, como se observa na Figura 1.



Figura 1 - O Rio São Francisco de Frans Post, 1647. Fonte: Smith (2012, p. 31).

Em *A Fortaleza dos Reis Magos* de 1637 (figura 2), Smith chamou a atenção para a vasta extensão do céu e da água, que proporciona, segundo ele, uma sensação de calor sufocante. A praia e a costa planas repetem a composição simples e ampla do primeiro quadro analisado. Os homens à margem do rio e dentro da canoa, possivelmente índigenas cariris, foram representados com silhuetas bidimensionais, características semelhantes à da primeira tela, na qual aparece a silhueta de uma capivara à beira do rio. Além das paisagens e da presença constante das fortificações e do exército holandês, Post retratou o interior de Pernambuco, suas fazendas compostas de casa-grande, senzalas e capelas. Smith (2006, p. 21) justificou que o direcionamento de Post para tais paisagens ocorreu devido ao interesse pelas belezas bucólicas dos arredores mais antigos do Recife, marcados pela forte presença da colonização lusitana em detrimento da nova cidade holandesa de Recife.



Figura 2: *A Fortaleza dos Reis Magos*, Frans Post, 1637. Fonte: SMITH, 2012, p. 18.

Smith interessou-se pela produção artística de Frans Post após retorno para Holanda, especificamente pelos esboços produzidos para o livro do latinista Caspar Van Barlaeus sobre as cidades de Pernambuco. Foi a partir desses desenhos que Smith percebeu elementos do mundo português nas pinturas realizadas para retratar o Brasil holandês (Figura 3). A imagem da cidade de Igarassu é uma procissão de senhores de engenho portugueses, segundo a lenda inserida por Van Barlaeus em seu livro. As ruínas no plano direito são testemunhos da invasão holandesa de 1630 e, ao fundo, é retratada a igreja de São Cosme e Damião, considerada uma das mais antigas do Brasil.



Figura 3: *A cidade de Igarassu* de Frans Post, 1647. Fonte: SMITH, 2012, p.23.

Em outros quadros também analisados por Smith, Post retratou o mesmo local sob perspectivas diferentes. O pintor aproximou a igreja anteriormente retratada no fim da tela e com essa aproximação, é possível perceber a cruz de pedra simples erguida em meio a um jardim, um alpendre tipicamente português, a chaminé e as janelas em madeira. Pelas características arquitetônicas percebidas nos quadros de Post, Smith realizou uma leitura das alterações estilísticas nas construções.

Após as ilustrações do livro de Caspar Barlaeus sobre as cidades de Pernambuco, Post iniciou uma intensa produção de imagens inspiradas em paisagens brasileiras. Segundo Smith (2012, p. 25), eram imagens “mais ou menos estereotipadas, para as quais ele encontrava mercado fácil e bons preços”. Nessa segunda fase de Post, Smith percebeu a influência da pintura setecentista pelo uso de ‘aglomerado de escuros’ e alternância entre pontos de luz e sombra. Post direcionou especial atenção à botânica que segundo Smith, proporcionou um ‘caráter científico’ às suas obras.

Frans Post retratou cenas cotidianas das relações entre senhores e escravos nos engenhos de açúcar, principais fontes de riqueza de Pernambuco no período colonial. Baseando-se no quadro de Post, Smith narrou a produção no engenho e a dinâmica de trabalho naquele local (Figura 4). Em primeiro plano, percebe-se um arranjo cênico que sugere um palco. Na plataforma mais elevada, escravos preparam a cana segundo a antiga fórmula do banguê, ou seja, esses engenhos eram movidos por tração humana. Outro grupo operava a grande roda d’água, que movida por um riacho, moía a cana-de-açúcar.

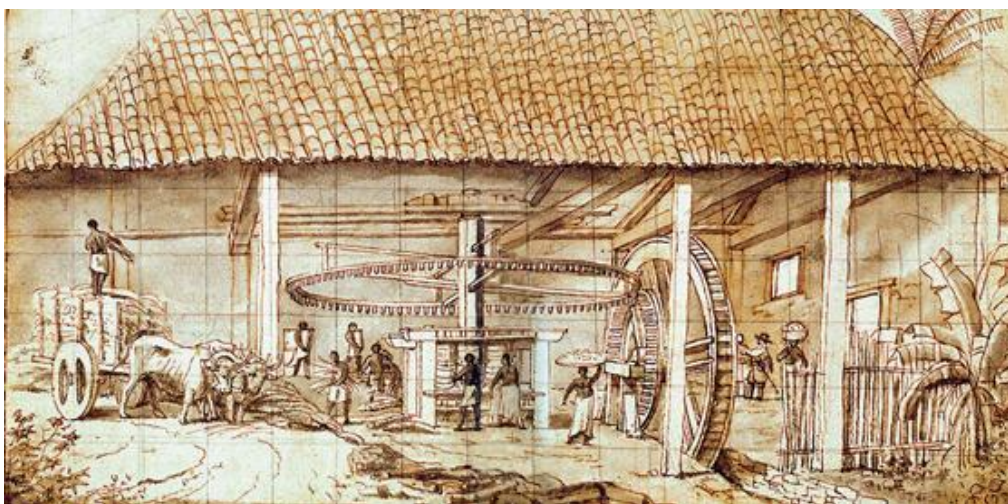


Figura 4 - Um engenho de cana-de-açúcar, de Frans Post (s/d).Fonte: Smith, 2012, p. 29.

Em pinturas como *Uma Casa na Praia* (Figura 5) de 1665, fica evidente um afastamento do pintor de uma fórmula rígida na construção da paisagem. O quadro

retrata uma casa dilapidada às margens de uma lagoa, com o telhado parcialmente arrancado pelo vento e pela chuva. No alpendre, havia dois homens, possivelmente holandeses, conversando. Fora da casa, Smith descreveu o grupo de negros que dançavam, gesticulavam e, segundo ele, eram representados cada vez mais animados nos quadros de Post. Robert Smith considerou que esse seria o retrato de uma cena particular, em que as grandes generalidades clássicas foram postas de lado em favor de uma

representação de um momento bem específico – a paisagem depois de uma tempestade. E Post reorganizou sua palheta para acentuar o brilho vívido do céu e a qualidade cintilante da vegetação ainda não totalmente seca. (SMITH,2012, p. 30).



Figura 5 - Uma Casa na Praia, de Frans Post 1665.Fonte: Smith (2012, p. 31).

No artigo *Três Paisagens Brasileiras Por Frans Post*, publicado em 1939 no *Boletim da União Pan-Americana*, Smith mencionou a comemoração do tricentenário da chegada do conde Maurício de Nassau em Recife. Na ocasião, foi publicada a primeira monografia sobre Frans Post, escrita por Joaquim Sousa Leão⁶. Nesse artigo, Smith fez a análise de três quadros recém-descobertos de Frans Post: *As fortificações do Recife*, *Ruínas da Sé de Olinda* e *Vista de uma Plantação de Cana-de-açúcar em Pernambuco*.

Smith realizou uma análise comparativa e técnica dos quadros e concluiu que a produção de Frans Post é de extrema relevância para os estudiosos do período colonial, tanto para aspectos do cotidiano, dos costumes, das vestimentas, das relações sociais, como para a arquitetura. Após a segunda viagem ao Brasil, em 1946,

Smith tratou novamente de pinturas; no entanto, o direcionamento foi para a atuação dos engenheiros militares, especificamente Francisco Requena e suas imagens da região amazônica.

Francisco Requena e as paisagens da região amazônica

Sobre a produção visual de Francisco Requena, Robert Smith escreveu o artigo *Requena e o Japurá: Algumas aquarelas do século XVIII sobre o Rio Amazonas e outros Rios*, publicado em 1946 na Revista *The Americas*. Com os Tratados de Madrid de 1750 e de San Ildefonso de 1777, Espanha e Portugal enviaram comissões mistas demarcação de limites entre as colônias sul-americanas sendo a região amazônica um dos destinos das comissões. Nenhuma das tentativas alcançou êxito, pois os comissários da Espanha e de Portugal não chegaram a um acordo quanto às demarcações.

Smith tratou da perspectiva dos espanhóis nas expedições de mapeamento e demarcação das fronteiras do Norte no Brasil, especificamente na região da Amazônia, com o Tratado de San Ildefonso de 1777. Os integrantes dessa expedição permaneceram por mais de uma década no vale amazônico em meio a inúmeras dificuldades. Smith constatou que o trabalho da Comissão jamais foi analisado e estava disperso em arquivos da Espanha, Portugal e Brasil. Dentre os inúmeros documentos, chamou a atenção para o trabalho cartográfico do geógrafo português José Joaquim Vitório da Costa e do Coronel Francisco Requena, líder de uma das comitivas da expedição. Requena era cartógrafo, engenheiro militar e autor de inúmeras aquarelas das regiões exploradas por ele e sua comitiva.

Smith teve contato com as dez aquarelas e os oito mapas da autoria de Requena a partir de pesquisa realizada no arquivo da coleção da Biblioteca Oliveira Lima, da *The Catholic University of America* e no Arquivo da *Library of Congress* em Washington. Smith foi funcionário *Library of Congress*, especificamente da Fundação Hispânica em 1939 e lá exerceu inúmeras funções como Diretor-Assistente, curador e auxiliou nos projetos para preservação e restauração documental (NEISTEIN, 2000, p. 183). A atuação de Smith na Fundação Hispânica foi importante para a consolidação de uma linha de pesquisa e integração a um movimento inicial nas universidades americanas para o estudo da arte e cultura luso-brasileira e latino-americana mediante o estabelecimento de centros de investigação e divulgação cultural por meio da permuta de materiais e documentos.

Os materiais produzidos por Smith em suas pesquisas no Brasil transformaram-se em um arquivo fotográfico da cultura hispânica na *Library of Congress*, onde funcionou também um centro de estudos latino-americanos. Durante suas viagens, Smith procurou “arranjar livros, fotos, cópias de plantas

existentes em bibliotecas e coleções, visando facilitar o trabalho dos pesquisadores” (VEIO A..., 1947, p. 3).

Assim como nos artigos sobre Frans Post, Smith (1946) iniciou o texto com uma breve biografia de Francisco Requena, que trabalhou em diversas regiões e projetos como em presídios da África, Índia, Quito, elaborando mapas de grande precisão, mapeando fortificações, projetando cidades e fortes, como o de Chagres e Portobelo, no Panamá. Enquanto estava em Quito, projetando um grande mapa em um trabalho de aproximadamente seis anos, foi chamado pelo Rei da Espanha Carlo III, para participar da demarcação de fronteiras entre os domínios amazônicos da Espanha e de Portugal criadapelo Tratado de Santo Ildefonso, de 1777. Requena prontamente enviou uma carta ao Rei pedindo dispensa da função alegando inaptidão para os cálculos astronômicos necessários à elaboração de mapas de grande precisão,além de sua vontade em finalizar o mapa de Quito. Requena escreveu ao Rei da Espanha que a decisão mais acertada seria dispensá-lo da missão, para que posteriormente não fosse culpado por um

Grande erro, se, sem esta confissão, me lançasse a um trabalho que exige pessoa de inteligência bem superior à que possuo...Ao aceitar o encargo de traçar um novo mapa, eu estaria me tornando responsável por prejuízos aos interesses de Sua Majestade, que bem poderiam resultar de minha ignorância. (REQUENA s/d apud SMITH,2012,p.107).

O pedido de Requena não foi atendido e ele foi nomeado como chefe da expedição, substituindo Don Ramón Garcia de Leon y Pizzaro, inicialmente designado para comandar a comissão espanhola e impossibilitado de realizar a missão devido à nomeação para a Real Audiência de Quito. Requena tornou-se governador da província de Maynas, com a capital San Francisco de Borja, fundada em 1635, localizada entre Brasil,Colômbia,Equador e Peru (ALCEDO,1788,p.23-25). Requena comandou “uma modesta comitiva de 30 soldados e 2 negros – em oposição aos portugueses que contavam com cerca de 5 engenheiros, 1 astrônomo, 45 soldados e 220 índios e artesãos” (SMITH, 2012, p. 107).

No decorrer do artigo, Smith apresenta as cartas trocadas entre Requena e as autoridades espanholas com uma narrativa envolvente que expõe as tramas e aventuras das expedições pela região amazônica. Nessas cartas, Requena reclamava da falta de comida e da grande escassez enfrentada pela comissão, que, em muitos momentos, foi ajudada por comitivas portuguesas. Como não havia homens especializados na comitiva de Requena, foi preciso utilizar carpinteiros portugueses para realizar as marcações das fronteiras espanholas, assim como seus astrônomos, para fazer os primeiros cálculos científicos das posições (SMITH, 2012, p. 109).

Após apresentar todas as desventuras da expedição, Smith parte para a análise das aquarelas. Selecionou dez obras individuais⁷ e fez uma série de

comparações entre as imagens representadas nas aquarelas e nos mapas, para evidenciar que as telas eram da autoria de Requena, visto que estavam sem assinatura:

A figura do topógrafo mostrado no mapa 17 é repetida nas aquarelas 6 e 9; a que aparece no mapa 15 é semelhante à da aquarela 7. O índio do mapa 17 reaparece nas aquarelas 7 e 9. O índio do pé do mapa 13 é reencontrado na aquarela 2. As figuras dos comissários dos mapas são muito parecidas com as dos desenhos 2, 7 e 9 [...]. (SMITH, 2012, p. 114-115).



Figura 6 - Detalhe de um mapa manuscrito no Rio de Los Enganos e outros rios. s/d. de Francisco Requena Fonte: Smith (2012, p. 115).

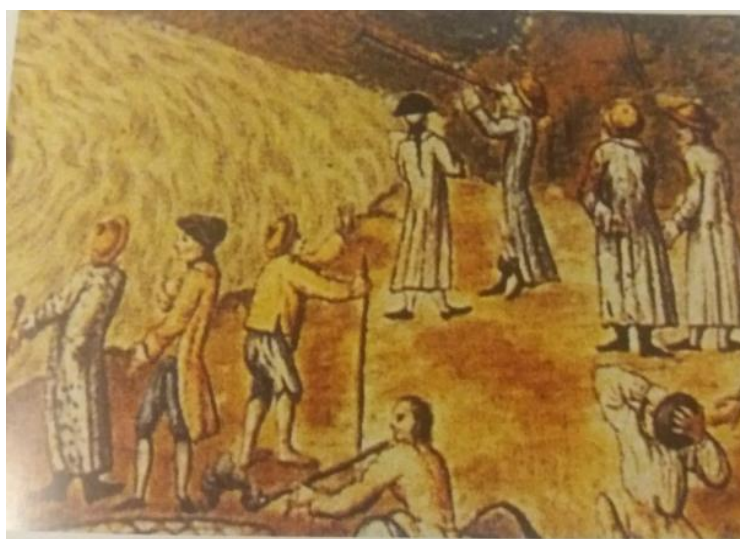


Figura 7 - Detalhe de uma aquarela do Rio Cunaré. Francisco Requena, s/d. Fonte: Smith (2012, p. 115).

Além da recorrência dos mesmos desenhos nos mapas e aquarelas, Smith constatou que ambos trazem decoração em estilo rococó e questionou a qualidade dos desenhos produzidos por Requena e a presença de elementos fantasiosos: Por que razão ele, o comissário severo, teria introduzido elementos fantasiosos em ambas as séries?. Para buscar uma resposta, Smith comparou Requena a Frans Post, que havia pintado paisagens brasileiras no século anterior: “talvez ele o tenha feito para quebrar a monotonia da vida e em resposta à mesma curiosidade que levou Frans Post a confeccionar as bordas repletas de pássaros e animais selvagens de suas paisagens pernambucanas” (SMITH, 2012, p. 116).

Na obra *Balsas del Rio Guayaquil*, Requena pintou elementos típicos do sul do Equador, como a balsa, uma versão “hispano-americana da balsa brasileira” (SMITH, 2012, p. 117). Possivelmente foi em uma embarcação desse tipo que o comissário espanhol e sua comitiva desceram o rio Napo em 1779. Nessa pintura, há casas ao longo do rio Guayaquil, conhecidas atualmente como palafitas, construções elevadas sobre peças de madeira, sem andar térreo e com os cômodos localizados na região superior, devido a inundação da área. A árvore em primeiro plano à direita é um cacaeiro, abundante na região e possível indicativo das casas pertencerem a uma fazenda de cacau.

Na pintura *Métodos de Construção de uma Canoa*, foram retratados três indígenas vestindo calças curtas nas cores azul e vermelho, preparando o casco de uma grande canoa. O casco, segundo Smith (2012,p.120), foi confeccionado em um tronco escavado, imobilizado por um sistema de varas e cordas sob os quais uma fogueira foi acesa com o intuito de expandir a madeira e aumentar a largura da canoa. A esquerda, encontram-se dois homens trajando uniformes e possivelmente, discutindo a operação. Para complementar sua narrativa sobre a confecção de canoas, Smith citou relatos de viajantes que descreviam desde o processo do corte e escolha da madeira até a acomodação da tripulação.

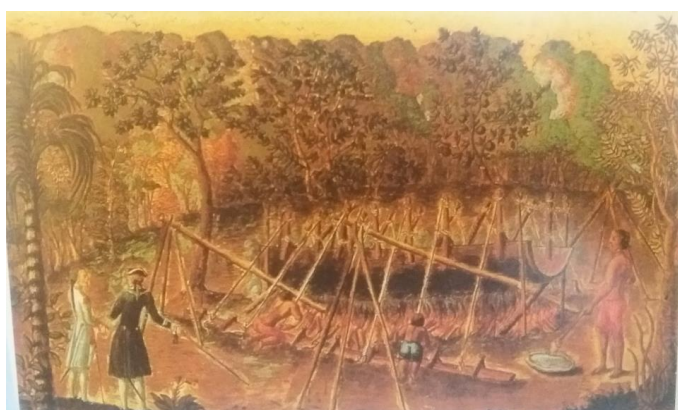


Figura 8 - Métodos de Construção de uma Canoa de Francisco Requena (s/d).

Fonte: Smith (2012, p. 120).

Apesar das limitações técnicas, Smith reconheceu que as aquarelas de Requena oferecem detalhes da paisagem amazônica, da arquitetura, das construções, das missões jesuíticas, dos costumes da região e de elementos da cultura material, vertentes pelas quais Smith se interessou no decorrer de suas pesquisa.

Para a análise de imagens, Smith utilizou o método Fogg, desenvolvido entre os professores e os pesquisadores do Departamento de Belas Artes de Harvard, onde se situa o Museu de Arte Fogg. O método propôs uma atenção meticulosa e investigativa aos detalhes que envolviam a obra de arte e sua atenção direcionada aos próprios objetos. O investigador deveria desenvolver capacidades de perito ao conseguir reconhecer a autenticidade, a autoria e a datação de obras não documentadas mediante comparações estilísticas. Smith empregou o método em diversos trabalhos, principalmente na investigação da talha portuguesa, em esculturas do barroco brasileiro e, em menor grau, nas pinturas dos ex-votos. Na arquitetura, o método não foi considerado confiável, pois a divisão de tarefas na execução da obra dificulta a atribuição de autoria. Entretanto, Smith aplicou o método do cruzamento entre fontes escritas e imagéticas (WOHL, 2000, p. 26).

Tanto em suas análises, como em suas aulas e conferências, Smith percebia os objetos como constelações ou combinações de motivos, cada qual com sua história, séries e sequências de significados. E foi seguindo esta perspectiva que Smith buscou analisar e comparar imagens de dois pintores viajantes, Frans Post e Francisco Requena, que buscaram retratar o Brasil Holandês e Espanhol a partir de vivências e paisagens capturadas no nordeste e norte do país, com todas as suas mesclas, embates e hibridizações entre as culturas portuguesa, holandesa, espanhola, negra e indígena.

Notas

¹ O artigo é fruto da tese de doutorado intitulada “ Robert Chester Smith e o colonial na modernidade brasileira”, defendida em 2018 no Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. A pesquisa foi desenvolvida com apoio do CNPQ.

² Os artigos produzidos na viagem de 1937 foram: *Minas Gerais no Desenvolvimento da Arquitetura Religiosa Colonial* (1937), *O Caráter da Arquitetura Colonial do Nordeste* (1938), *The Colonial Churches of Brazil* (1938), *he [???] Colonial Architecture of Minas Gerais* (1939), *São Luiz do Maranhão* (1938), *As Paisagens Brasileiras de Frans Post* (1938), *Três Paisagens Brasileiras de Frans Post* (1939), *Alguns Desenhos de Arquitetura Existentes no Arquivo Ultramarino Português* (1940), *O Códice de Frei Cristóvão de Lisboa* (1941) e *Documentos Baianos* (1945).

³ Os artigos publicados com base na viagem de 1946, foram os seguintes: *Requena e o Japurá: algumas aquarelas do século XVIII sobre o Amazonas e outros Rios* (1946), *Algumas Vistas da Bahia Colonial* (1948), *Arquitetura Jesuítica no Brasil* (1948), *Praia da Madeira no Recife. Uma contribuição para a História Econômica do Brasil* (1949), *Uma Cadeia, Uma Capela e duas Casas: desenhos de arquitetura Colonial Brasileira* (1949/1951), *A Brazilian Merchant's Exchange* (1949), *El Palácio de Los Gobernadores de Gran-Pará* (1951), *Arquitetura Colonial Baiana: Alguns Aspectos de sua História* (1951).

⁴ Em 1946 – O Sphan passa a se denominar Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Dphan) e em 1970 – O Dphan se transformou em Iphan.

⁵ O quadro foi dado de presente ao rei Luís XIV da França, juntamente com mais 39 pinturas brasileiras.

⁶ LEÃO, Joaquim Souza. *Frans Post: seus quadros brasileiros*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1937.

⁷ As obras analisadas por Smith foram: *A missão de São Joaquim de Omaguas, A missão de San Ignacio de Pevas, As corredeiras de Miri, As corredeiras de Cupati, Cachoeira do Rio de los Enganos, A primeira corredeira do Rio Messai, As cataratas do Rio Cunaré, As cachoeiras impassáveis do rio Apaporis*.

Referências

ALCEDO, Antônio. **Diccionario geográfico-histórico de las Índias occidentales ó América**. III Madrid, 1788.

BANDEIRA, Manuel. Artes Plásticas: Exposição de Frans Post. Jornal **A Manhã**, Rio de Janeiro, p. 5, 18 jul. 1942.

BARLAEUS, Caspar. **História dos feitos recentemente praticados durante oito anos no Brasil**. Recife: Fundação Cultura Cidade do Recife, 1980.

LAGO, Bia Corrêa do; LAGO, Pedro Corrêa do. **Frans Post (1612-1680): Obra Completa**. Rio de Janeiro: Capivara, 2006.

MELO, Sabrina Fernandes. **Robert Chester Smith e o Colonial na modernidade brasileira: entre história da arte e patrimônio**. Tese (doutorado). Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. Florianópolis, 2018.

NEISTEIN, José. Robert Chester Smith e a Biblioteca do Congresso em Washington. In: SALA, Dalton et al. **Robert Chester Smith (1912-1975): A investigação na História da Arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

SMITH, Robert Chester. Alguns Desenhos de Arquitetura existentes no Arquivo Histórico Colonial Português. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 4, p. 209-249, 1940.

SMITH, Robert Chester. O códice de Frei Cristóvão de Lisboa. **Revista do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Rio de Janeiro, n. 5, p. 121-128, 1941.

SMITH, Robert. Arquitetura Barroca. In: REIS FILHO, Nestor Goulart. **Robert Smith e o Brasil: Arquitetura e Urbanismo**. Brasília: IPHAN, 2012. p. 217-258.

SMITH, Robert. As paisagens brasileiras de Frans Post. In: REIS FILHO, Nestor Goulart (Org.). **Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia**. Brasília: IPHAN, 2012. p. 9-39.

SMITH, Robert. Três paisagens brasileiras de Frans Post. In: REIS FILHO, Nestor Goulart (Org.). **Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia**. Brasília: IPHAN, 2012. p. 39-49.

ISSN 2175-8212 – Anais do 29º Encontro Nacional da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. [recurso eletrônico]. RODRIGUES, Manoela dos Anjos Afonso; ROCHA, Cleomar (Orgs). Goiânia: Anpap, 2020.

SMITH, Robert. Requena e o Japurá: algumas aquarelas do século XVIII sobre o Amazonas e outros rios. . In: REIS FILHO, Nestor Goulart (Org.). **Robert Smith e o Brasil: cartografia e iconografia**. Brasília: IPHAN, 2012,p.103-153.

VEIO A Pernambuco documentar nossos monumentos. **Jornal Diário de Pernambuco**, Recife, p. 3, 6 mar. 1947.

WOHL, Hellmut. Robert C. Smith e a História da Arte nos Estados unidos. In: SALA, Dalton. **Robert C. Smith (1912-1975): A investigação na História da Arte**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000.

Sabrina Fernandes Melo

Professora Adjunta no Departamento de Artes Visuais da Universidade Federal da Paraíba e Professora Permanente no Programa Associado de Pós Graduação em Artes Visuais - PPGAV- UFPB/UFPE. Doutora em História pela Universidade Federal de Santa Catarina com pesquisa realizada na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa,Portugal. Contato: sabrina.melo@academico.ufpb.br